

Abordagem cultural na aula de língua estrangeira

Elisa Novaski¹
Maristela Pugsley Werner²

Resumo

Este artigo levanta alguns questionamentos em relação à importância da abordagem cultural no ensino de línguas estrangeiras modernas. Uma retrospectiva histórica é feita a partir dos anos 1950 sobre a visão e definição de cultura dentro do panorama de ensino de línguas. O texto também considera alguns pontos importantes relativos à abordagem cultural, através da apresentação de questionamentos atuais sobre o assunto, citando exemplos da língua espanhola, na sua maioria. No artigo faz-se, ainda, uma análise do papel da cultura no ensino de língua estrangeira em dois documentos que, na atualidade, servem como principais norteadores para os professores: os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas: Aprendizagem, Ensino e Avaliação.

Palavras-chave: Ensino de línguas estrangeiras. Abordagem cultural. Definição de cultura.

Abstract

This article raises some questions about the importance of the cultural approach in the teaching of modern foreign languages. There is a historical retrospective since the 1950s about the vision and definition of culture in the field of language teaching. The text also considers some important aspects related to the cultural approach, through the presentation of current questions about the subject, giving most examples in the Spanish language. The article intends to analyze the role of culture in foreign language teaching, based on two documents which are used nowadays as the main guides for teachers: the National Outlines for Education in Brazil (“PCNs”) and the Common European Framework of Reference (CEF) for Languages: Learning, Teaching and Evaluation.

Key words: Foreign language teaching. Cultural approach. Definition of culture.

Introdução: Ensino de língua estrangeira e alguns questionamentos

O professor de uma língua estrangeira, doravante LE, atualmente, deve preocupar-se não só com a gramática da língua ensinada. A língua que falamos é, acima de tudo, o instrumento pelo qual transmitimos a nossos pares as ideias que temos a respeito do mundo

¹ Especialização em Ensino de Língua Estrangeira Mod pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil(2010). Professora de Espanhol de Ensino Médio da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus , Brasil. E-mail: elisa.novaski@yahoo.com.br

² Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Paraná, Brasil(1991). Professor titular da Universidade Tecnológica Federal do Paraná , Brasil. E-mail: mpwerner@terra.com.br

que nos rodeia. Portanto ela é, antes de tudo, **comunicação**. Sendo assim, segundo Godoi (2001, p. 324), o objetivo principal, bem como a atividade dominante no ensino de LE gira em torno do ato de comunicar-se.

Concordando com o fato de que a comunicação efetiva depende da cultura, os professores devem sempre se preocupar em transmiti-la de maneira que seu conhecimento auxilie os alunos a entender como operam as redes de relacionamento de determinada comunidade, a fim de que a comunicação entre nativo e estrangeiro aconteça de maneira eficaz e satisfatória.

Segundo Laraia (2006, p. 52) a comunicação é “um processo cultural”. Ele fala sobre a língua:

Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral. (LARAIA, 2006, p. 52)

Desta forma, cultura, língua e comunicação estão intimamente relacionadas. Pois a língua, cujo objetivo é o ato comunicativo, constrói-se dentro de um ambiente cultural específico. Conforme Cantoni (2005, p. 21), muito do que os indivíduos aprendem (pensar, sentir, acreditar, agir) lhes tem sido transmitido por meio de mensagens verbais e não verbais, de acordo com determinada cultura.

Desta maneira, podemos afirmar que o aprendiz de LE só terá atingido seu objetivo quando souber se comunicar na língua alvo. Retomando as palavras de Laraia, cujo conteúdo nos diz que língua e cultura são interdependentes, ou seja, a linguagem é produto da cultura, mas não existe cultura sem linguagem, pode-se afirmar que nosso aprendiz só se comunicará plenamente uma vez que conheça e compreenda a cultura do país de LE e se inteire das relações culturais e sociais deste país, a fim de que possa se comportar adequadamente e se faça entender pela comunidade em questão.

Além de outros problemas, a abordagem cultural apresentada de forma superficial propicia a formação de estereótipos pelo aprendiz, que sempre vai identificar o falante nativo da língua alvo como *estrangeiro*, sem perceber que, na verdade, ele apenas possui diferentes formas de ver e entender o mundo. Segundo Cantoni (2005, p. 21), os indivíduos recebem culturas diferentes, ou seja, veem o mundo de formas diferentes, têm pensamentos e comportamentos distintos, o que influencia no modo como cada um pensa e age.

Desta maneira, conhecer uma cultura é também entender porque o estrangeiro fala de determinado modo, usa determinadas expressões e perceber como, em situações idênticas, em duas culturas diferentes as reações dos indivíduos são completamente diversas.

Portanto, retomamos a afirmação contida no começo desta introdução: a preocupação do professor de LE não pode ser compreendida somente no âmbito gramatical, ou mesmo linguístico. Um professor, muito mais do que mero transmissor de um sistema linguístico-formal, deve ter como meta ajudar seu aluno a perceber que a língua é um conjunto de fatores (gramática, sons, cultura, vocabulário), que, integrados, constituem um “sistema comunicativo”. Levando-se em conta a importância do assunto no ensino de LE, faz-se relevante observar a evolução da LE como uma disciplina vista de maneira fragmentada (gramática, fonética e fonologia) até a atualidade, cuja visão busca abarcar vários pontos que, juntos constituem a língua em si. Deste modo, faz-se uma retrospectiva do conceito de cultura dentro do ensino de LE no decorrer das últimas décadas e da evolução da definição da palavra cultura.

1 Cultura e ensino de línguas – Um pequeno histórico

Levando em conta o discutido no item anterior, é importante definir o que se entende por abordagem cultural na aula de LE. Como já discutido, uma língua não pode desvincular-se de sua cultura, pois ambas estão interligadas. Pensar em abordagem cultural em sala não significa criar mais uma fragmentação para o aprendizado da língua, conforme problematizado abaixo:

Considerar a cultura como uma “quinta” habilidade no ensino de LE pressupõe separar língua das quatro principais habilidades, ou seja, significa ensinar cultura de forma separada, negando a relação da interdependência que existe entre língua e cultura em cada uma de suas formas e demonstrações, o que acreditamos que deva ser evitado. (FRANÇA; SANTOS, 2008, p. 84)

A abordagem cultural pede que o ensino de cultura e língua sejam vistos como concomitantes. Um depende do outro o tempo todo.

Esta, porém, não é uma visão que sempre fez parte do cenário de ensino de LE. Em 1957, Robert Lado publica o livro *Introdução à Linguística Aplicada*, no qual um dos objetivos é demonstrar como a comparação entre a língua materna do aprendiz e a LE é fundamental na aprendizagem da língua alvo. Segundo esse autor, a maneira mais eficaz de aprender uma LE é comparando-a com nossa língua mãe. Segundo Fries, citado por Ladoⁱ (1957, p. 10):

Os materiais mais eficazes são os baseados numa descrição científica da língua a ser aprendida, comparada cuidadosamente com uma descrição paralela da língua nativa do aprendiz.

Conforme Lado, o aprendiz terá dificuldade nos pontos em que a língua materna é diferente da LE, e terá facilidade nos pontos de encontro das duas línguas. A proposta defendida por Lado é que a comparação deve ser feita em todos os âmbitos, do linguístico ao cultural. Ao defender a ideia de comparação no estudo de LE, ele diz:

Os elementos que forem similares à sua língua nativa serão simples para ele e os que forem diferentes serão difíceis. O professor que já tiver feito a comparação da língua estrangeira com a língua nativa saberá melhor quais são os problemas reais da aprendizagem e poderá melhor tomar medidas para ensiná-los (LADO, 1957, p. 15).

A ideia de Lado parece muito lógica e simples: o que é igual para mim é mais fácil de ser aprendido do que o que é diferente. Entretanto, se pensamos no caso do português e do espanhol, ambas as línguas são muito similares; sendo assim, quem fala português consegue aprender espanhol com mais facilidade? Pelo contrário, às vezes a semelhança causa muito mais confusão para o aprendiz porque as duas línguas, por serem muito parecidas, se misturam o tempo todo.

A cultura, para Lado, é fruto da personalidade humana e pode ser caracterizada pela *maneira de viver* dos cidadãos, sendo sinônimo de “costumes de um povo”. O termo cultura é definido pelo mesmo autor como “sistemas estruturados de comportamento padronizado”.

No capítulo que trata da cultura, o autor reconhece, já de início, a difícil tarefa à qual está se dispondo: “é o menos entendido de todos os assuntos discutidos neste volume”.

Para Lado, a cultura é entendida na medida em que é comparada com a língua materna e não há descrição em todo o livro de relação direta entre sistema linguístico e cultura. Os dois pontos são apresentados como tópicos independentes. Prova disso é que o livro está dividido de forma que em cada capítulo encontramos a maneira pela qual devemos comparar as línguas: comparação com sistemas de som; estruturas gramaticais; sistemas de vocabulário; sistemas de escrita e, por fim, comparação de duas culturas. Todos eles separadamente, sem haver qualquer inter-relação traçada pelo autor.

Através da visão de Lado, podemos perceber que o aprendiz precisa apreender dados sobre a cultura para evitar possíveis mal entendidos, como por exemplo, um americano não entender o valor real da tourada para um espanhol e a interpretar equivocadamente. Mas ele não é muito claro em relação à importância real da cultura, inserida num contexto social de comunicação.

Aliás, nada se fala no livro sobre a comunicação. Na verdade, ele nos indica uma visão bastante estruturalista, pois divide os itens de uma língua de maneira bem determinada, esquecendo-se de que a função da língua é a comunicação, e que ela deve ser vista como um conjunto de fatores que juntos formam a língua. Como estudar separadamente som, vocabulário, gramática e cultura?

Contrapondo a ideia de Lado, apresentamos uma fala de Godoi (2005, p. 327):

[...] el alumno no se enfrenta solamente a la tarea de aprender una nueva información sobre el léxico, la gramática y la pronunciación, sino que tiene que adquirir nuevos elementos simbólicos de una comunidad diferente. Las nuevas palabras no son simplemente nuevos rótulos para viejos conceptos, la nueva gramática no es simplemente una nueva manera de arreglar y ordenar palabras, y las nuevas pronunciaciones no son solamente maneras ‘diferentes’ de articular sonidos. Todo ello forma parte de las características culturales de otra comunidad etnolingüística. (GODOI, 2005, p. 327)

Portanto, é impossível pensar em aprendizagem de LE como uma serie de tópicos estudados separados. Estudar primeiro gramática, depois vocabulário, em seguida a cultura traz a visão da língua como dividida em grandes blocos independentes, o que não é verdadeiro. Uma língua é um conjunto de “itens” inseparáveis que se inter relacionam a todo momento.

A importância desta nova maneira de pensar é reforçada por Hymes em 1972. Não voltado diretamente ao estudo da linguística aplicada ao ensino de LEM, Hymes, ao revisar o conceito de competência proposto por Chomski o redefine acrescentando o termo *comunicativo*. Com o acréscimo deste termo ficou clara a preocupação do pesquisador pelo uso da língua. Alguém com competência comunicativa, para Hymes, deveria estar apto não somente ao uso e compreensão da língua quanto aos seus critérios fonológicos, sintáticos e lexicais, mas além disso, o falante seria competente em termos comunicativos se soubesse quando falar, quando não falar, e a quem falar, com quem, onde e de que maneira. (SILVA, 2004)

De acordo com Baltar (2005, p. 212), Chomsky (década de 1960 e 1970) foi responsável pela ampliação da visão estruturalista relacionando linguagem e comportamento humano, através da psicologia cognitivista. Hymes, ao contrário, encara a linguagem como “fruto da experiência social das comunidades de falantes”.

Hymes analisa a questão da competência e da performance de Chomsky como uso criativo da linguagem, refutando esta ideia e afirmando que onde Chomsky diz competência deve-se ler gramática; onde diz performance, deve-se ler realização psicológica, e onde diz criatividade, deve-se ler produtividade sintática. Ainda acrescenta que onde diz apropriação – adequação –, há um problema, pois a

apropriação – adequação – da linguagem implica, na sua visão, **analisar o contexto social**, o que Chomsky não faz. (BALTAR, 2005, p. 212) (grifo meu)

Está aí o grande avanço de Hymes: levar em conta o contexto social na produção da fala e, conseqüentemente, atribuir à língua a função de comunicação. Segundo Hymes (1962) citado por Lima-Hernandez (2007, p. 2), a língua não pode ser separada do como e do porquê é usada, pois ela é antes de mais nada uma forma situada cultural e socialmente.

Silva (2004) explica que Canale e Swain em 1980 e Canale em 1983 proporcionam um grande avanço na área de ensino/aprendizagem de LEM, ao complementar o termo competência comunicativa de Hymes, dividindo-o em quatro partes inter relacionadas: competência gramatical (conhecimento do código linguístico); competência sociolinguística (regras sociais que norteiam o uso da língua); competência discursiva (conexão entre orações e frases que formam um todo significativo); competência estratégica (capacidade de lidar com erros ou desentendimentos provocados pelo desconhecimento de regras). Segundo Canale e Swain, o aprendiz adquiriria competência comunicativa se ficasse exposto às quatro competências.

Através desta retrospectiva, percebemos que o tema Cultura em ensino de LE já data de mais de meio século. O que houve, contudo, foi uma mudança na perspectiva deste aprendizado. Do estrutural de Lado ao pragmático ou sociocultural de Canale e Swain temos um avanço desde olhar a cultura como uma “ilustração” da língua até considerar a cultura como parte integrante da língua.

Cabe a nós, como professores, auxiliar nossos alunos a desenvolverem uma competência gramatical e sociolinguística, segundo a definição de Canale e Swain, ou seja, fazer com que a competência comunicativa do aluno seja realmente completa a ponto de entender não só o código linguístico, mas também o “código cultural” de um povo.

Torna-se fundamental, então, estabelecer o que é importante no ensino de línguas no que se refere à abordagem cultural na sala de LE.

2 A cultura dentro da sala de LE. O que levar em conta?

Segundo Godoi (2001, p. 324) quando pensamos em diversidade cultural em LE, o que nos vem à mente primeiramente são as diferenças de vocabulário. Entretanto, uma língua não pode ser encarada com uma visão tão simplista. Uma língua se constitui de outros fatores além de léxico.

Outra maneira típica de “abordagem cultural” é a exposição de tópicos como história, geografia e festas típicas, cujo resultado é o encerramento da cultura alvo dentro de ideias pré estabelecidas e simplificadas. Tal postura é criticada por Godoi, 2005:

O modelo que parece predominar na prática de ensino de línguas estrangeiras é mais ou menos do tipo: “língua – objetivo; cultura – meio”, ou seja, implicitamente se assume que a informação cultural pode “ser servida” como um “prato exótico” e os professores e outros profissionais – ou, pior, muitas vezes, aqueles que se atribuem o direito de ensinar línguas e sobre línguas – preparam aulas, palestras e cursos sobre as festas nacionais, culinária, costumes, etc. Tudo isso obrigatoriamente com o sabor de exotismo folclórico. Nas entrelinhas dos ensinamentos desses profissionais se lê algo como: “olha como ‘eles’ são esquisitos, olha que porcarias ‘eles’ conseguem comer, olha se esse é o jeito de se divertir!”. Tal exotismo pode tomar outros rumos, aparentemente contrários, mas que, como produto final, refletem a mesma postura: “experimenta esta paella, é divina, isso não é o nosso arroz com feijão!”, “a festa do 4 de julho – isso sim que é uma festa!”, e assim por diante. (GODOI, 2005).

Precisamos encontrar meios de abordar o tema cultura em nossas aulas de LE, sem transformá-lo em algo superficial demais, tampouco gerador de estereótipos. Para tanto, é necessário ter em conta todos os itens já discutidos neste artigo: o objetivo da língua é a comunicação; a competência comunicativa, conforme postulado por Hymes em 1972, prevê que o falante seja capaz de julgar o que falar, quando falar e de que maneira falar. Este julgamento, que extrapola o conhecimento linguístico apenas, depende então, de algo além da gramática, depende do modo que determinado povo entende o mundo.

É relevante, portanto, definir o que se compreende por cultura. De acordo com Seidlⁱⁱ (1998), citado por Godoi (2005), cultura é o conjunto de normas e valores compartilhados pelos membros de um grupo social. Porter e Samovarⁱⁱⁱ (1997), apud Godoi (2005), definem cultura a partir da divisão de seus elementos: 1) cultura material (objetos físicos); 2) cultura mental (sistema de crenças, valores e representações éticas); 3) cultura social (modelos de comportamento).

Segundo Barroso (2002, p. 179)), existem dois conceitos de cultura: primeiro, o tradicional, que leva em conta as informações enciclopédicas, encontradas em livros e que fazem parte de todo o mundo hispano, por exemplo, literatura, história, música, arte. O conhecimento destes tópicos faz com que a pessoa seja considerada culta e conhecedora das informações de um povo. Contudo, há outro conceito que é o relacionado com os valores, costumes, hábitos, formas de agir de determinados povos, elaboração de conceitos como o de beleza, de tempo, de justiça, etc.

Sendo assim, conclui-se que a ligação profunda entre língua e cultura tem a ver com o modo pelo qual um povo se relaciona com o mundo. Segundo Ruth Benedict^{iv}, citada por

Laraia (2006, p. 67), “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”.
Ideia reforçada e completada pela fala de Godoi:

Sabemos que uma língua é muito mais que léxico, estruturas e uma bonita pronúncia. E o falante de uma língua – como também o aluno que está aprendendo uma língua estrangeira, o aprendiz de falante – é muito mais que um aparelhinho que emite e recebe informações. Uma língua encerra em si mesma a história do seu povo, suas tradições, as características culturais de uma comunidade. **Assim, o ensino de uma língua estrangeira tem que passar, necessariamente, pelo conhecimento da cultura.** (grifo meu) (GODOI, 2005)

Conforme Godoi (2001, p. 327), há fatores que são comuns a todas as sociedades como a política e a economia, por exemplo. Porém, a maneira como estes fenômenos são vistos e entendidos varia de acordo com a comunidade. E existe ainda o que chamamos de pessoal e íntimo que é compreendido por um modo afetivo, social e psicológico de ver o mundo, este modo é o que conhecemos por “mundo hispano”, “mundo anglo-saxão”, “mundo oriental”, [...] e além desta divisão, há a que conhecemos por “mundo mexicano”, “mundo argentino”, “mundo colombiano”. Cada um desses mundos produz o que identificamos como típico de cada região (comidas, crenças, danças, festas, expressões lingüísticas [...]). Todos estes pontos fazem parte do universo do indivíduo e devem ser transmitidos para nossos alunos, a fim de que eles possam entender como se organiza a mente do falante nativo.

Deste modo, “se queremos formar a competência comunicativa do aluno, temos que lhe apresentar aquele mínimo de conhecimentos e representações que estão na mente da maioria dos falantes da língua” (GODOI, 2005). Ou seja, é fundamental que o aprendiz entenda o que motiva o falante nativo a pensar de determinada maneira diante de tal situação: por exemplo, para uma mulher de cultura ocidental, criada sob os preceitos de qualquer religião cristã pensar em matar seu próprio filho, é impossível e seria, dentro de nossa cultura um crime que, seguramente, chocaria toda a sociedade. Porém, para uma mulher Tapirapé, tribo Tupi do norte do Mato Grosso, esta era uma atividade, além de normal, completamente aceita, já que as mulheres, por crenças religiosas, teriam que matar todos os filhos após o terceiro, sem se sentirem culpadas por tal ato (LARAIA, 2006, p. 50).

Para o ensino de LE, é importante destacar a motivação de certas expressões entendidas e reproduzidas pelos falantes de uma comunidade sem qualquer problema de incompreensão entre eles, entretanto, soariam completamente incompreensíveis para um estrangeiro. Expressões como: “vestir a camisa”, “entrar pelo cano”, “não entender bulhufas”, “nossa senhora” fazem parte de nossos discursos e de nossa cultura, porém não são compreendidas por estrangeiros se estes se ativerem apenas a seu sentido literal.

Além das expressões linguísticas existe mais um sem números de fatores culturais que se integram à língua. Por exemplo, a fala coloquial hispânica, além de espontânea, subjetiva e afetiva, é desde o ponto de vista linguístico, eminentemente dêitica e egocêntrica, repleta de expressões como: “Te lo digo yo”; “Creo yo”; “Ya lo creo” (VIGARA^V, 1987 apud GODOI, 2001, p. 327). Assim como vale ressaltar o uso de expressões usadas para chamar a atenção: “Fíjate”; “Fígrese”, ou as numerosas designações que realçam a expressão no sentido positivo: “un montón de”; “una barbaridad”; “un titipuchal” (Mex.) (GODOI, 2001, p. 328). Enfim estes são alguns exemplos do que deve ser levado em conta na abordagem cultural em sala.

No caso do português - espanhol há uma preocupação a mais que deve ser posta em pauta: a proximidade das duas línguas causa a falsa impressão de que a aprendizagem é muito simples, portanto o aprendiz pode usar a língua de maneira intuitiva, assim como utiliza o português, esquecendo-se, porém, de que o português é sua língua materna e o espanhol por mais semelhante que seja, é uma língua estrangeira. Daí resulta o grande número de listas de falsos cognatos, heterotônicos, heterossemânticos, sem falar das cansativas listas de verbos irregulares, os quais são decorados até a exaustão. Desta concepção resulta o surgimento do famoso portunhol, cuja origem está na ideia já levantada neste trabalho de que para aprender uma língua basta organizar o léxico “estrangeiro” da maneira como organizamos o nosso (GODOI, 2005).

Tendo em vista todos estes fatores, concluímos que a abordagem cultural no ensino de LE não deve ser encarada apenas como uma tarefa a mais. Ela deve nortear o aprendizado. No caso do espanhol, não podemos privilegiar uma variante em detrimento da outra, o material didático deve levar em conta que o idioma espanhol é formado por diversas variantes.

Em relação à importância da abordagem cultural no ensino de espanhol como LE, cabe destacar dois documentos que tratam deste assunto: Quadro Comum Europeu de Referência Para as Línguas: Aprendizagem, Ensino e Avaliação, doravante Quadro, e os Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio), doravante PCN. Ambos os documentos buscam orientar professores ou interessados sobre a importância de se abordar a interculturalidade a fim de formar falantes capazes de, efetivamente, comunicarem-se em LE.

O Quadro foi criado pelo conselho da Europa e seu objetivo é unificar os membros do continente e, para tanto, tomar medidas que visem a uma ação comum no campo cultural. O documento põe em pauta a grande complexidade da linguagem humana, e coloca o indivíduo falante como agente social capaz de traçar relações com diferentes grupos sociais que, na verdade, formam uma identidade. Tendo em vista as dificuldades de se enfrentar uma nova

língua e cultura, o Quadro destaca a importância deste processo na formação da personalidade e identidade deste cidadão que entra em contato com diferentes povos.

Uma vez que identificamos nossa cultura, por meio do conhecimento de outras culturas, e, juntos formamos uma única identidade, as barreiras do preconceito são transpostas e podemos entender o *outro* dentro de seu mundo e de suas razões e, ao invés de discriminá-lo por ser “diferente”, simplesmente o aceitamos como pertencente à outra cultura.

O Quadro ainda promove o plurilinguismo entre os países europeus, que proporcionaria um intercâmbio real entre falantes de diferentes línguas e culturas. Considerando-se que a experiência lingüística de um indivíduo comece com sua própria língua materna e avance até o uso desta língua em ambientes sociais e, por fim continue se desenvolvendo infinitamente com a aquisição de novas línguas e diferentes experiências culturais, teremos indivíduos dotados de competência comunicativa capazes de comunicarem-se de maneira eficaz em diferentes línguas, podendo mudar seu texto de um idioma para outro na medida em que queiram dar-lhe diferentes sentidos, criando assim redes de significados e uso entre as línguas que se relacionam e interagem entre si.

Como já dito, o Quadro foi criado a fim de auxiliar o intercâmbio lingüístico e cultural dos países europeus. Porém, nada impede que suas ideias sejam também utilizadas em diferentes contextos geográficos, mesmo porque ele se auto intitula flexível e adaptável a diferentes circunstâncias de uso. Desta forma, podemos adaptá-lo a nosso problema em discussão no momento: apresentar a cultura e a LE em questão como indissociáveis, e não simplesmente apresentar a cultura de modo superficial e estereotipado, a título de curiosidade.

Quanto aos PCNs, podemos destacar o fato de que, além de quebrar a ideia de hegemonia do ensino do inglês como LE nos colégios brasileiros, há uma preocupação também em ressaltar a importância do ensino de LE na formação do indivíduo.

Inserida no campo Linguagens, Código e suas Tecnologias, a LE assume seu lugar no “conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado.” (p. 25)

Segundo o documento, as línguas estrangeiras têm uma função básica que é “a de serem veículos fundamentais na comunicação entre os homens”; graças ao conhecimento de uma LE temos acesso a “diferentes formas de pensar, de criar, de sentir, de agir e de conceber a realidade”, portanto sabendo uma LE somos cidadãos mais completos, inseridos em nossa cultura, e, além disso, capazes de conhecer e entender outras formas de vida.

Além disso, os PCNs destacam que a LE deve ser estudada e compreendida além da gramática, pois nossa comunicação não se dá somente através de palavras; nossos gestos,

tradições, culturas esclarecem nossa forma de ver o mundo. Ao estabelecer esta relação entre língua e cultura, os PCNs admitem que o ensino de uma LE, além de propiciar o conhecimento linguístico de um novo sistema, propicia também a formação do aluno enquanto cidadão, já que o fará conhecer uma cultura diferente da sua, mas não menos importante.

No tópico **Competências e habilidades a serem desenvolvidas em Línguas Estrangeiras Modernas**, dentre outros pontos, os PCNs assinalam a importância de o falante saber distinguir as diferentes variantes linguísticas de uma mesma LE, assim como compreender como os enunciados refletem a forma de agir, ser, pensar e sentir de quem os produz.

Considerações finais

Tendo em vista a posição do Quadro e dos PCNs, reforçamos a ideia levantada ao longo do artigo a respeito da importância da compreensão do aluno de que a língua não é simplesmente um sistema linguístico que pode ser fragmentado em gramática, léxico, fonética e fonologia. Seu conhecimento, portanto, não depende unicamente de “decifrar” regras pré estabelecidas. A língua tem laços estreitos com a cultura. O conhecimento e compreensão destes laços fazem com que o aluno desenvolva a real competência comunicativa definida e postulada por Hymes.

Esta competência prevê o conhecimento gramatical e lexical, mas não se limita a estes pontos somente, dando enorme importância ao desenvolvimento da comunicação inserida em um contexto social. Ou seja, torna-se impossível desvincular a língua do contexto no qual o ato comunicativo é produzido. A língua é o reflexo de uma sociedade, portanto de uma cultura. Desta forma, é impossível para um aprendiz compreender língua sem compreender a cultura de um povo.

- ⁱFRIES, Charles C. **Teaching and learning english as a foreign language**. Ann Arbor: Univ. Mich. Press, 1945. p. 9.
- ⁱⁱSEIDL, M. Language and Culture: Towards a Transcultural Competence. In: Language learning, forum for modern language studies, v. 34, n. 2, 1998.
- ⁱⁱⁱPORTER, R. & L. Samovar. **Intercultural Communication**. Boston: A. Reader, 1997.
- ^{iv}BENEDICT, Ruth. **O Crisântemo e a espada**. São Paulo : Perspectiva, 1972.
- ^vVIGARA T., A M. **Aspectos del español hablado**. Madrid: Soc.Gen.Esp. de Librería, 1987.

Referências

- BALTAR, Marcos. A validade do conceito de competência discursiva para o ensino de língua materna. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0501/10.htm>> Acesso em 22 jan. 2010.
- BARROSO, Carlos. Cómo integrar el concepto de cultura en los manuales de enseñanza de E/LE. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE ASELE EL ESPAÑOL; LENGUA DEL MESTIZAJE Y LA INTERCULTURALIDAD, 13. 2002. Disponível em <http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/13/13_0174.pdf> Acesso em 30 jan. 2010.
- CANTONI, Maria Grazia Soffritti. **A interculturalidade no ensino de línguas estrangeiras: uma preparação para o ensino pluricultural o caso do ensino de língua italiana**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.
- FRANÇA, Oldinê R. de; SANTOS, Cynthia A. B. dos. Visão e Abordagem Cultural de professores em sala de aula de LE (inglês) e os PCNs. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, ano 7, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.revistahorizontes.unb.br/images/horizontes/07_02_2008/07_07-02-2008_horizontes_pgla.pdf> Acesso em 10 jun. 2011.
- GODOI, Elena. La cultura en la enseñanza del español y de las literaturas hispánicas. In: **Anuario brasileño de estudios hispánicos XI**. São Paulo: Thesaurus, 2001.
- _____. Pragmática: A cultura no ensino de línguas. **Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, v. 9, n. 9, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/9/01.htm>> Acesso em 26 jan. 2010.
- LADO, Robert. **Introdução à linguística aplicada**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

LIMA HERNANDEZ, Maria Célia. Retrospectiva. Domínios da linguagem. **Revista Eletrônica de Linguística**, ano, 1, n.1, 2007. Disponível em <<http://www.dominiosdelinguagem.org.br/pdf/12.pdf>> Acesso em 14 jan. 2010.
MARCO DE REFERÊNCIA EUROPEU. 2011. Disponível em: <<http://www.cvc.cervantes.es/obref/marco.sinopsis.htm>>.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio** – 2000. Disponível em <<http://www.mec.gov.br>>.

SILVA, Vera Lúcia Teixeira da. Competência comunicativa em língua estrangeira (Que conceito é esse?). *In: Soletras Revista do Departamento de Letras da UFRJ*, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/8sup/1.htm>> Acesso em 14 jan. 2010.